

Gênero, masculinidade e corpo: narrativas e memórias de homens trans

THOMAS VICTOR BARRETO CARDOSO

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (UNICAMP), CAMPINAS/SP, BRASIL

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-2326-4642](https://orcid.org/0000-0003-2326-4642)

TOM.VICBARRETO@GMAIL.COM

KELEN CHRISTINA LEITE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR), SOROCABA/SP, BRASIL

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-8590-1857](https://orcid.org/0000-0002-8590-1857)

KELEN@UFSCAR.BR

Introdução

É a partir da década de 1980 que os estudos sobre masculinidades ganham força e são impulsionados, sobretudo, pelo movimento feminista e pelo movimento em defesa da diversidade sexual. No entanto, segundo Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), os estudos realizados sobre o tema eram pouco sistemáticos e concentrados em autores específicos, sem uma discussão teórica, epistemológica, política e ética ampla e consistente. Contudo, nas últimas décadas, esses estudos evoluíram consideravelmente, adquirindo maior densidade, visibilidade e espaço.

Os estudos sobre transmasculinidades, por sua vez, são mais recentes. Um dos trabalhos pioneiros sobre o tema foi o artigo Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades de Guilherme de Almeida, publicado em 2012 na Revista de Estudos Feministas. Desde então esse campo de estudo vem se fortalecendo e expandindo com trabalhos diversos em suas abordagens e perspectivas, tais como os de Almeida & Carvalho (2019); Ávila (2014); Ávila & Grossi (2010, 2013); Nery (2018); Nery & Maranhão (2017); Oliveira (2015); Rego (2015); Santana (2018); Vieira & Porto (2019);

Importante esclarecer, desde logo, que o conceito de transmasculinos a ser trabalhado aqui – conceito que engloba múltiplas identidades como homens trans, transmasculines, boycetas, transhomens, ou seja, pessoas que foram designadas como mulheres no nascimento, mas se reconhecem como homens – é aquele que reconhece a transmasculinidade como o modo com que homens transgêneros vivenciam, performam e concebem a masculinidade em sua própria realidade. Nesta perspectiva, o objetivo deste artigo foi discutir a construção da transmasculinidade, assim como as noções de homem e masculinidade, mediante relatos das experiências de pessoas que se identificam como transmasculinas.

As questões que orientaram a pesquisa foram: qual a experiência de tornar-se um homem-trans? Como essas experiências das transmasculinidades contribuem para análise das masculinidades? Em outras palavras, este artigo tem como proposta analisar a noção de homem e masculinidade sob uma perspectiva não-hegemônica e distante das experiências construídas pela hetero e cisnormatividade¹, utilizando-se, para tanto, do relato de vivências de pessoas transmasculinas.

Para nos debruçarmos sobre as masculinidades não-hegemônicas, tendo como foco de análise as transmasculinidades, o artigo se organiza do seguinte modo: primeiramente, são apresentados alguns apontamentos metodológicos que descrevem os procedimentos de acesso e a análise das narrativas e memórias de homens trans; em seguida, é realizada uma discussão sobre gênero e masculinidade, com enfoque nas transmasculinidades; por fim, um debate sobre o corpo, figurativamente pensado como um exoesqueleto² da subjetividade. Todas as discussões são entrelaçadas com as memórias e narrativas de três homens-trans. O presente estudo foi motivado pela urgência acadêmica de abordar a temática e, ao mesmo tempo, revesti-la de uma dimensão social e política, em consonância com as inquietações produzidas pela experiência de um dos autores deste trabalho, que é um transmasculino.

Apontamentos metodológicos

A História Oral foi a perspectiva teórico-metodológica adotada para acesso às memórias e experiência da construção da masculinidade de pessoas que se identificam como transmasculinas. A pesquisa configura-se como qualitativa, pretende demarcar a existência e resistência de sujeitos e suas formas de ser e se entender no mundo, e segue a posição de Alessandro Portelli sobre a História Oral:

1 Em Viviane Vergueiro tem-se que [...] a ideia de cisnormatividade pode ser alinhada à de heteronormatividade; segundo Cathy Cohen (1997:440), a heteronormatividade se constitui pelas 'práticas localizadas e instituições centralizadas que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e relacionamentos heterossexuais como fundamentais e 'naturais'. A cisnormatividade estaria alinhada à heteronormatividade na medida em que se constitui pelas práticas e instituições que legitimam e privilegiam a cisgeneridade como corporalidades e identidades de gênero naturais e mentalmente saudáveis; tais práticas organizam, entre outros fatores, moralidades, ideais de família e Estado, bem como as possibilidades políticas de pensarmos as diversidades corporais e de identidades de gênero. (Vergueiro, 2016:264)

2 O exoesqueleto é um termo da zoologia e significa uma carapaça dura que rodeia o corpo do animal, impedindo assim o seu crescimento. Essa camada é externa e muito resistente, porém pode ser também flexível. Formado por placas que se articulam, propiciando os movimentos do corpo e de seus apêndices, como as pernas. Por sua rigidez atua como estrutura de suporte e proteção, sem sacrificar a mobilidade do animal (Lopes, 2005). O termo, aqui, é utilizado como uma figuração para compreensão das mudanças corporais vivenciadas pelos homens-trans.

[...] com frequência se diz que com a História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia [...] [e] os narradores orais que entrevistamos [...] não são objetos da investigação, mas sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistado e entrevistador (Portelli, 2010: 3).

Deste modo, a abordagem teórico-metodológica da História Oral possibilita uma importante ruptura da e com a história oficial ao acessar ético-politicamente as memórias coletivas, narrativas e vivências de pessoas excluídas, marginalizadas, subalternizadas ou de grupos subrepresentados, como é o caso dos homens-trans. Para esta proposta, a História Oral possui na entrevista sua prática principal e seu registro, pois, como declara Verena Alberti (2013), a entrevista nos permite buscar eventos, experiências, relatos que não constam em outros documentos; ademais, Portelli ressalta importância das entrevistas no trabalho de História Oral com os seguintes argumentos:

[...] não é só porque as pessoas que entrevistamos possuem informações de que precisamos, que nos interessam. É mais do que isso. É porque há uma relação profunda, uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia. Todos os meios de comunicação [...] excluem uma parte da humanidade. Há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, a oralidade, é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam. Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente (Portelli, 2010: 3).

Posto isso, considerando os objetivos apresentados, para a presente pesquisa foram realizadas entrevistas com homens-trans na modalidade temática. A modalidade temática da História Oral, segundo José Carlos Meihy, em entrevista concedida a Agnes Mariano (2020), é aquela que se caracteriza por ter um fio condutor, um roteiro prévio, que se desenvolve a partir de um tema central, que, no caso desta pesquisa, é a experiência da transmasculinidade.

As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2020 e 2021, em meio à profusão do SARS-CoV-2, vírus responsável pela pandemia de covid-19, doença infectocontagiosa que ocasionou medidas restritivas no que tange aos deslocamentos e contatos sociais. Assim, diante das limitações impostas pela pandemia, sobretudo num primeiro momento, a pesquisa foi desenhada de modo a ser viável mesmo diante do isolamento social, o que significou compreender as entrevistas em outra perspectiva. A entrevista, como momento privilegiado da pesquisa, seria, como de costume, realizada presencialmente, uma vez que a História Oral privilegia o momento da entrevista enquanto um encontro físico, pessoal, um momento de construção de uma relação de colaboração e seu interesse não está apenas na

fala ou no conteúdo do outro, mas está também no narrar, nas performances da narrativa, no volume e ritmo da fala, nas expressões faciais e movimentos físicos que fazem parte da narrativa e contribuem para a interpretação do seu significado. No entanto, as três narrativas aqui apresentadas foram produzidas a partir de entrevistas virtuais por meio das plataformas Google Meet e Zoom com duração em torno de 60 a 90 minutos cada.

A escolha dos entrevistados, colaboradores deste trabalho, teve como principal requisito a identidade de gênero como transmasculinos ou homens trans. Questões como raça e etnia se deram por autoidentificação dos participantes no início da entrevista, assim como orientação sexual, mesmo que este marcador não tenha sido evidenciado. O motivo para tal é a manutenção do foco nas identidades de gênero, não buscando segregar a orientação da formação do sujeito e da noção de masculinidades, mas o tempo de pesquisa era curto para abranger também uma discussão tão profunda como a de orientação sexual.

Foi estabelecido contato pelas redes sociais, especificamente WhatsApp e Instagram, convidando os participantes para uma pesquisa sobre transmasculinidades. Tendo a pesquisa sido desenvolvida durante a fase mais aguda da pandemia de covid-19, foram selecionadas pessoas com as quais já se tinha um mínimo contato anterior à entrevista, mas que não faziam parte do mesmo círculo social, ou seja, não conviviam entre si. Após o aceite, foi enviado o termo de consentimento livre e esclarecido para o devido endereço eletrônico dos entrevistados com antecedência para que pudessem fazer a leitura e esclarecer qualquer dúvida. Foi, ainda, explicado o procedimento das entrevistas, desde a assinatura do termo até a devolutiva da transcrição para que pudessem verificar e dar uma autorização final de uso.

Um roteiro de entrevista foi elaborado considerando alguns temas-chave sendo utilizado apenas para a condução inicial e apoio no momento da entrevista, caso o entrevistado fosse muito sucinto ou tivesse dificuldade de se expressar oralmente, sobretudo por meio de uma plataforma digital. Assim, foram entrevistados três homens transgêneros/transmasculinos. As entrevistas, portanto, foram iniciadas com o pedido de que contassem um pouco sobre si e como entendiam suas masculinidades, sendo esse o tema principal da pesquisa. Para assegurar o anonimato e a segurança dos participantes, os nomes presentes nas narrativas transcritas são fictícios. Os colaboradores desta pesquisa possuem um perfil jovem, são moradores do estado de São Paulo, com ensino superior completo e com acesso a hormonização ou cirurgias masculinizadoras.

O primeiro colaborador, nomeado como Paulo, é um homem trans, branco, que reside no interior de São Paulo. Possui 23 anos, fez sua graduação na área de Tecnologia da Informação e, atualmente, trabalha na área de sua formação, sempre que possível, participa dos movimentos sociais e eventos da cidade, como a Marcha Trans, promovida pela Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS); e eventos da Parada LGBT de Sorocaba. É, ainda, criador de conteúdo no Instagram, aproximando a discussão de gênero às suas experiências de vida. A segunda narrativa é de Cauã, um homem trans de 25 anos, branco, que reside no interior de São Paulo. Graduado em Turismo, mas, no momento da entrevista, trabalhava na área de Recursos Humanos. Cauã também compartilha suas experiências nas redes sociais, mesmo não criando conteúdo específico tem uma grande aproximação e engajamento do público transmasculino e aliados. A terceira narrativa é de Gabriel, um homem trans de 26 anos, negro, que

nasceu e reside em São Paulo capital. Possui graduação em Serviço Social, mas hoje trabalha na área de serviço ao cliente em um banco. Gabriel, no momento da entrevista, ainda não tinha realizado sua mastectomia, embora estivesse agendada para o início de 2022. Assim como os outros colaboradores é um criador de conteúdo, mas seu foco é em exercícios físicos e saúde, mostrando sua rotina de exercícios e cuidados com sua hormonização e saúde em geral.

Após a realização das entrevistas, as gravações foram transcritas. Em seguida, foram feitas leituras das transcrições de modo a destacar as categorias de análise dos textos transcritos que respondessem às questões que diziam respeito aos objetivos da pesquisa. Posteriormente, os destaques e temas das trajetórias de vida narradas foram confrontadas entre si, refinando a análise e a construção das temáticas. Ao proceder às análises das entrevistas diversas temáticas foram surgindo ao longo das narrativas como: hormonização; questões de identidade; relações de afeto; situações de violência dentre outras. Essas categorias foram agrupadas para que pudessem ser mais bem discutidas e analisadas tendo por referência estudos já produzidos. Portanto, para aprofundar as análises, estes resultados dialogaram com teorias de gênero e debates acerca das transmasculinidades.

Gênero e Masculinidades

O tema da vivência da masculinidade esteve centralmente presente nas narrativas dos entrevistados. A masculinidade foi entendida como uma construção social produzida através de estereótipos e códigos pré-determinados, que são cotidianamente cobrados àqueles que se entendem como homens. Tal entendimento pode ser constatado na seguinte fala de Gabriel:

Hoje enxergo a masculinidade como um conjunto de códigos, até porque, é cientificamente estudado que o gênero é determinado pelo social, mas existe uma série de códigos diários de vestimenta, fala, comportamentos em geral, que precisam ser seguidos para que a sua masculinidade seja considerada (Gabriel, 26 anos).

Decorre dessa fala uma concepção de que a definição do que é ser homem está atrelada a vários sistemas de poder e ideologias que alimentam a disputa por uma hegemonia. Diversos conceitos trabalham em conjunto para compreender as relações de poder que constituem as relações sociais, um desses conceitos é o de gênero, que abre caminho para discutir outras dinâmicas sociais e opressões como o sexismo e a misoginia, contrapondo-se ao determinismo biológico, que há tempos é utilizado para justificar as hierarquizações entre homens e mulheres e entre pessoas cisgêneras e transgêneras. Por exemplo, Gayle Rubin, em seu ensaio *Tráfico de mulheres* (2017 [1975]), elabora o conceito de sistema sexo/gênero para problematizar o debate sobre o determinismo biológico nas discussões de gênero e sexualidade. A autora afirma que esse sistema “[...] consiste em uma série de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (Rubin, 2017: 48).

A teórica feminista Joan Scott, por sua vez, define gênero como: “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de

significar as relações de poder.” (Scott, 2019: 67). Ou seja, o gênero é definido como uma construção social que como categoria contribui para analisar as hierarquias e padrões sociais baseados na diferença biológica e, deste modo,

[...] a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode, assim, ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (Pierre Bourdieu, 2019: 26).

A diferença anatômica entre os sexos vai ser também um critério e justificativa para a desigualdade social de gênero, portanto, o sistema sexo-gênero alimenta o sexismo e o patriarcado contribuindo para a manutenção das hierarquias de poder e controle dos corpos. Outra categoria que emerge como fundamental para a análise da masculinidade é o patriarcado, que se constitui como um “sistema social no qual a diferença sexual serve de base para a opressão e subordinação da mulher pelo homem” (Adriana Piscitelli, 2009: 132). O patriarcado, portanto, incide nas mais diversas relações estabelecidas na sociedade, expressando suas características no trabalho, nos relacionamentos, na política, na educação, religião, esferas públicas e privadas.

Ao longo dos anos, importantes pesquisas para se pensar gênero e sexualidades foram produzidas por feministas a partir de diferentes perspectivas. Esses diversos olhares passaram a evidenciar, cada qual segundo sua própria abordagem, a interseccionalidade, a indissociabilidade e/ou a consubstancialidade das categorias de sexo, gênero, raça/etnia, classe dentre outras, bem como o impacto dessas relações nas opressões vivenciadas pelas mulheres. O importante a estabelecer, no entanto, é que esses sistemas de poder não agem de forma isolada sobre os sujeitos, eles se complementam e se articulam de forma a manter suas estruturas. O sexismo e o patriarcado trabalham para reproduzir a ideia de dominação masculina sobre tudo aquilo que é socialmente identificado com o feminino, utilizando-se do sistema sexo/gênero como justificativa para tal dominação. Bell Hooks salienta que os

[...] homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar [...] em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e nos oprimam, fazendo uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto (hooks, 2019: 14).

No interior desses sistemas, a noção patriarcal do “homem de verdade” é frequentemente contestada ao questionar a posição da dominação masculina. A ideia surge não apenas como um modelo, mas também como uma maneira de definir o que um homem não é e, portanto, o que ele não pode ser ou fazer. As características geralmente atribuídas ao “homem de verdade”, pautado em um modelo de sociedade patriarcal e heterocisnormativa, são extensamente descritas por George Mosse (1999), enquanto Jaqueline Jesus & Hailey Alves (2012) e Matilde da Costa Moraes Soares (2020) trazem tal debate para as discussões sobre a transgeneridade.

Segundo Berenice Bento (2015), os estudos sobre a masculinidade datam da década de 1970, contudo será a partir da década de 1980 que tais estudos irão se constituir de modo mais sistemático e consistente. Coincidentemente, Bento (2015: 81) afirma que “é o momento em que há uma ‘revisão’ na abordagem dos estudos sobre mulher, consubstanciado na mudança de nome do campo de estudos que, de ‘estudos sobre a mulher’ passou a ser denominado de ‘estudos das relações de gênero’”, buscando ultrapassar as relações e polarizações entre o feminino e o masculino.

Mas como falar de gênero e desigualdades sem questionar a dominação masculina? Com esta demanda, intensifica-se, portanto, uma discussão a respeito da atuação dos homens nas diversas esferas sociais: trabalho, política, família, sexualidade, dentre tantas outras. Raewyn Connell (1987) elabora o argumento de que as formas de feminilidade e masculinidade estão centradas em um fato estrutural, ou seja, no domínio global dos homens sobre as mulheres. Esse fato estrutural forneceria a principal base para as relações entre os homens que acabam por definir uma forma hegemônica de masculinidade. Assim, para a autora,

A masculinidade hegemônica é sempre construída em relação a várias masculinidades subordinadas, bem como em relação às mulheres. A interação entre diferentes formas de masculinidade é uma parte importante sobre como funciona uma ordem social patriarcal. (Connell, 1987: 183).

Connell (1987) ressalta duas questões quanto à masculinidade hegemônica. A primeira delas é que tal hegemonia não se refere, necessariamente, a um tipo de ascendência que é exercida por meio da força. A hegemonia, ancorada em um conceito gramsciano, não significa, tão pouco, um domínio cultural total, nem mesmo o interdito de alternativas; mas que, como toda hegemonia, a masculinidade hegemônica é também sustentada por uma dose de consentimento.

A masculinidade hegemônica é construída em relação às mulheres e às masculinidades subordinadas. Essas outras masculinidades não precisam ser claramente definidas – de fato, alcançar a hegemonia pode consistir precisamente em impedir que alternativas ganhem definição cultural e reconhecimento como alternativas, confinando-as a guetos, à privacidade, à inconsciência (Connell, 1987: 186).

As configurações de práticas, códigos, estereótipos da masculinidade são construídos e estabelecidos a partir de uma masculinidade hegemônica que, nas narrativas dos entrevistados, aparecem, por exemplo, quando narram determinadas situações. Gabriel, um dos nossos entrevistados, conta que:

Houve alguns momentos de eu tentar muito reproduzir estereótipos, o estereótipo do ser masculino, do ser homem e de algumas horas ser passável por conta disso, mas isso ocorreu apenas depois do início da transição hormonal (Gabriel, 26 anos).

Tal comportamento de reprodução de “estereótipos” masculinos é, também, fruto da pressão social de encaixe que ameaça a produção de suas próprias concepções de masculinidade, e isso ocorre com a maioria dos homens, mas se acentua em transmasculinos por outras dinâmicas, como o medo da violência transfóbica. São processos que, apesar da rígida estrutura social, podem ser ressignificados, como comenta Cauã:

Acabamos nos apoiando muito numa masculinidade pautada na construção heteronormativa cisgênera, então a masculinidade para mim é entender que temos também partes que não são pautadas nessas construções e tudo bem, por exemplo, termos também uma parte “feminina”, e entender que isso não nos faz menos homens (Cauã, 25 anos).

Deste modo, o que as entrevistas nos apontam é para uma noção de gênero que é entendida como algo mais fluido e mutável, isto é, dentro de uma perspectiva em que múltiplos gêneros são possíveis a partir da forma como os sujeitos se veem no mundo, principalmente aqueles que não se enquadram na norma cisgênera e heteronormativa (Judith Butler, 1993; Guacira Louro, 2018; Bento, 2006, 2014, 2017; Connell & Messerschmidt, 2013). De modo específico, Connell (2016) afirma que a transexualidade tem uma historicidade que se produz em uma dinâmica maior das relações de gênero, de modo múltiplo e marcadamente não-binário.

Isto quer dizer que a masculinidade está sujeita a mudanças advindas do tempo e da cultura, ou seja, o dito ideal masculino se modifica ao longo da história e não é o mesmo o tempo todo em todos os lugares, mas assume diferentes formas. O mesmo ocorre com o conceito de masculinidade hegemônica que é revisado por Connell & Messerschmidt (2013) a partir das mudanças advindas na sociedade. Assim, ao repensar o conceito, Connell & Messerschmidt acreditam ser importante manter a ideia de que a característica fundamental do conceito é:

[...] a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre as masculinidades. Padrões de masculinidade têm sido identificados em diferentes contextos institucionais e culturais [...]. Também muito apoiada é a ideia de que a hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia, não um padrão de uma hegemonia simples baseada na força a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade, símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles (Connell & Messerschmidt, 2013: 262-263)

Duas premissas devem ser descartadas ou superadas, segundo os autores, ao repensar o conceito: a primeira seria o fato de, talvez, ter proposto um modelo simples das relações sociais a partir das masculinidades hegemônicas; e a segunda, a abordagem da masculinidade compreendida como um conjunto de traços na compreensão da masculinidade hegemônica. Assim, o conceito é reformulado a partir de quatro elementos centrais: a questão da hierarquia de gênero, a geografia das masculinidades, a incorporação social, e a dinâmica das masculinidades (Connell & Messerschmidt, 2013). Deste modo, pensar masculinidade hegemônica nos faz pensar na pluralidade do “ser homem”. Esse conceito abriu um campo de estudos e debates não apenas sobre as masculinidades hegemônicas, mas também a todas aquelas que diferem desse padrão, como é o caso, em específico, das transmasculinidades, por estarem inseridas em corpos não reconhecidos hegemonicamente como masculinos (Camilo Braz & Érica Souza, 2018).

O campo de estudos das masculinidades teve como principais temáticas a participação dos homens na promoção dos direitos reprodutivos, da diversidade sexual, da violência de gênero e, também, da saúde masculina. Como evidencia Miriam Grossi (2004), em nossa cultura um traço forte da masculinidade hegemônica diz respeito à sexualidade e agressividade, algo que já se consolida na infância, quando os me-

meninos são incitados a uma sexualidade ativa e comportamento agressivo. Desde cedo os homens exercem a violência como forma de inserção no universo masculino e de socialização, podendo ser percebido, por exemplo, nas brincadeiras e brinquedos. Os meninos desde pequenos têm uma permissividade em relação a comportamentos violentos, diante da justificativa de naturalização de agressividade e brutalidade dos homens, ou seja, o famoso “menino é assim mesmo” (Grossi, 2004). Essas características de um certo ideal de masculinidade se traduzem em uma cobrança, desde o nascimento, talvez até antes, em relação à sexualidade e virilidade. Quando olhamos para corpos negros brasileiros, por exemplo, existe, além dessas cobranças, uma hipersexualização desses corpos, para Márcio Caetano & Paulo M. da Silva Junior:

[...] a masculinidade negra se encontra em meio-termo: um misto entre a identidade marginalizada e aquela exaltada. Enquanto a identidade social negra é construída a partir de práticas subalternas objetivadas na exclusão econômica e política, a identidade sexual negra é exaltada com a ideia de reprodução, virilidade, potência e tamanho do órgão sexual. (Silva & Caetano, 2018: 194)

Nas narrativas dos entrevistados há também elementos que nos apontam para a questão racial. Em sua narrativa Gabriel comenta sobre a mudança do comportamento das pessoas e instituições diante da sua transição, antes lidando com o estigma da mulher negra hipersexualizada e frágil, para ter que lidar, agora, com o estigma do homem negro perigoso.

[...] quando pegava um Uber, antes da transição, o motorista me pedia para me sentar na frente porque, muito provavelmente, ele ia ficar me dando ideia o caminho inteiro, e eu passava o caminho inteiro com medo de sofrer algum assédio. Depois da passabilidade, quando eu vou pegar um Uber ele pede para eu me sentar na frente, mas porque ele tem medo de um assalto, principalmente por eu estar localizado num bairro periférico, com índice alto de violência. (Gabriel, 26 anos)

Portanto, a masculinidade, como prática, vai atingir cada indivíduo de forma diferenciada dependendo dos seus marcadores das diferenças, relacionados, ainda, ao ideal da masculinidade hegemônica presente naquele local e cultura. Questões como a violência, virilidade, aspectos físicos e emocionais são trazidos como uma característica comum em todas as narrativas, ainda que variando em modo e intensidade. Isso tudo afeta a construção das masculinidades e, portanto, das transmasculinidades. A socialização enquanto designado como do gênero feminino à primeira vista parece, nos relatos, ter influenciado positivamente a construção da masculinidade e identidade de cada dos nossos entrevistados devido às múltiplas e constantes vivências e violências pelas quais as mulheres passam. A concepção do ser homem se modifica para atender as necessidades de ser diferente do ideal, modificar a imagem do homem violento que se cria, para viver uma masculinidade mais adequada às suas concepções. Isso se faz presente na fala de Gabriel, quando diz que:

[...] enquanto pessoa que foi socializada como mulher e enxergava o homem como carrasco, e enquanto homem, que entende o porquê desse papel de carrasco na sociedade, sou muito grato de ter nascido e sido socializado como mulher, justamente porque senão não seria uma pessoa aberta hoje, enquanto homem, para entender esses dois pontos de vista e a lidar com essas realidades. (Gabriel, 26 anos)

Portanto, eles lidam com o silenciamento e a subalternidade à qual as mulheres estão submetidas desde cedo, para somente durante ou depois da autoaceitação passarem a se construir e desconstruir dentro dos papéis de gênero existentes e possíveis em sua realidade, tal como comenta Cauã:

Por sermos introduzidos e socializados como uma mulher, isso nos possibilitou ter experiências que outras pessoas, outros homens não têm, esse viver na pele. Isso possibilita que a gente tenha essa noção de empatia, mas empatia no sentido mais puro da palavra, de você realmente se colocar no lugar de outra pessoa, de alguém que sofreu um assédio, ou que talvez tenha sido estuprada. (Cauã, 25 anos)

É importante ressaltar que os estudos sobre transmasculinidades, no Brasil, ainda são poucos em relação aos estudos sobre travestilidades e transfeminilidades. De acordo com João Nery e Ícaro Gaspodini (2015), somente após a fundação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), em 2012, e do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT), em 2013, que o movimento de transmasculinos ganha força e visibilidade, com o conseqüente incremento de pesquisas e monitoramento desses grupos.

O trabalho de Almeida (2012) foi um marco para introdução sobre como pode ser diversa a masculinidade entre as pessoas transgênero. Em seu trabalho mais referenciado, “Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades”, o autor partiu de uma análise interseccional destacando a importância das vivências individuais, mesmo dentro de uma categoria social essencializada como a transmasculinidade, e apresentou diferentes grupos que entendem e corporificam essa identidade de gênero de forma distinta. Almeida entende que a busca pelas modificações corporais tem um efeito sobre a produção da identidade social que vai além da denominação homem-trans. Os marcadores sociais também se fazem presentes na produção e corporificação dessa identidade, produzindo vivências únicas, mas que em geral se agrupam como uma forma de organização política e de reconhecimento e pertencimento social. O autor afirma que: [...] essas experiências e marcos culminam na decisão de, em algum momento da vida, reclamar a identidade masculina. Tal decisão é associada não só à possibilidade de obtenção de conforto psíquico, mas de respeito e reconhecimento social (Almeida, 2012: 517).

Devido às diversas tentativas de anulação e não reconhecimento da identidade, esses homens trans acabam criando resistências em vivenciar de fato sua masculinidade ou anunciar para outros a sua identidade de gênero, como relata Gabriel: “Quando finalmente você se reconhece, todo mundo diz que você não pode ser porque te falta algo, então a gente vai internalizando que precisa se provar”. O reconhecimento social, discutido por Almeida (2012), está presente nas narrativas dos entrevistados em muitos momentos. Nas histórias narradas surgem questões como a necessidade que sentem em, de alguma forma, agir para corrigir essa negação, como se de algum modo fossem culpados pelo outro não reconhecer sua identidade, seja pelo seu físico ou seu comportamento. Isso não só os limita em termos de produção e vivência de suas identidades como reforça um estereótipo, reforça o modelo de masculino cisheteronormativo. Assim comenta Cauã:

Mas eu senti como se fosse uma obrigação minha também ajudar as pessoas a entenderem quem eu sou, por frases como: “você quer que eu te trate no masculino, mas sua voz é de mulher”, “você quer que eu te trate no masculino, mas você não tem barba”, “quer que eu te trate no masculino, mas você está igual quem você era na semana passada quando eu te tratava no feminino. (Cauã, 25 anos)

Nossos narradores relatam diversas situações em que suas identidades são questionadas fazendo com que se sintam pressionados a provar que são homens para que não sejam ridicularizados. O não reconhecimento é um ato violento em si que se expressa em estratégias como o tratamento no feminino ou pelo nome de registro civil, ainda que as pessoas tenham consciência de seus nomes e pronomes corretos. Essas questões apontam, ainda, situações como as relatadas por Gabriel e Cauã, ao se sentirem desconfortáveis com seus corpos, por não corresponderem ao padrão do “ser homem”, causando uma dificuldade dos outros relacionarem estes corpos e identidades ao campo masculino. Letícia Lanz (2016) ressalta que o olhar do outro serve de juiz, dando o alvará de passabilidade (ainda não sendo um pertencimento) do gênero masculino, ela diz: “o olhar do outro não pode identificar nenhum vestígio de transgeneridade na ‘farsa de gênero” (Lanz, 2016: 212).

[...] as pessoas não conseguiam relacionar o meu corpo, a minha presença a uma presença masculina. De alguma forma eu precisava evidenciar para as pessoas que eu tinha mudado de alguma forma, eu sentia essa necessidade, porque as pessoas me chamavam pelo feminino, me chamavam por um nome que não era meu. (Cauã, 25 anos)

[...] comecei a ter desconforto com várias partes de mim, não só do corpo, por ficar muito incomodado com as pessoas não me reconhecerem como homem, mesmo que elas não soubessem ou não me conhecessem. (Gabriel, 26 anos)

Essa “farsa de gênero” é uma estratégia violenta usada quando esse corpo é passável, ou seja, lido por alguém como um corpo masculino cisgênero, e, posteriormente, quando a transgeneridade é de alguma forma anunciada ou evidenciada, leva a mesma pessoa a uma manifestação de surpresa e indignação por não ter sido capaz de reconhecer que aquele corpo não é “natural”. Os entrevistados demonstram, ainda, uma dificuldade na nomeação da sua identidade pela falta de representatividade em espaços públicos, midiáticos e outros, como evidência Gabriel em sua narrativa:

Me ver nas pessoas e entender que era como eu me via e me sentia, porque antes disso eu sabia que não era mulher, mas não sabia o que eu era. Então quando comecei a ver outras pessoas passei a me reconhecer como homem trans/transmasculino. (Gabriel, 26 anos)

O processo de reconhecimento e aceitação da sua identidade de gênero é entendida, muitas vezes, como uma fase complicada e trabalhosa, por exigir uma desconstrução e reconstrução da sua identidade, além de buscar entender o que deve ser ressignificado, mantido ou excluído. Esse deslocamento da posição social requer paciência e um cuidado. Paulo comenta, em sua narrativa, o esforço de não anular suas vivências anteriores, por serem importantes para quem ele é agora. De outro modo, Gabriel

e Cauã contam suas dificuldades em se colocar nesse lugar de homem pela carga emocional gerada por esse deslocamento social. Gabriel diz ter sido muito difícil o transitar de gênero, diz ele:

Nas rodas, conversas e discussões foi complicado saber qual era o meu lugar, quando eu vou ter discussões sobre feminismo se ainda podia me colocar, quando vou falar com uma mulher lésbica se ainda posso usar o termo “sapatão”, que eu usava antes com total tranquilidade, ou se ela vai se ofender se eu usar isso agora. (Gabriel, 26 anos)

Portanto, compreendemos que requer tempo e reflexão para se situar nesse novo lugar social. Analisar as possibilidades de manter determinadas experiências e quais devem ser ressignificadas para não cair na dicotomia homem/dominador – mulher/submissa, tal realidade se constitui como um desafio cotidiano para todos eles. Nesse sentido, somada a esse desafio relatado nas entrevistas, o afeto, ou ausência de afeto, nas relações sociais, familiares e afetivo-sexuais, também foi um ponto muito importante e comum entre as narrativas.

Paulo conta que sempre tentou ser paciente e não impor quem ele é para não criar atrito com as pessoas mais próximas, optou pelo diálogo e formas menos combativas de encarar o processo. Assim como ele, Gabriel também tentou evitar conflitos, diz ele que: “[...] foi um grande exercício de paciência, até entender que a transição não acontece só pra mim, mas também com as pessoas que eu convivia, para minha família”. Portanto, nossos narradores parecem vivenciar uma espécie de transição coletiva, que também é sentida pelos familiares e amigos, um processo intenso que requer paciência, respeito e informações. Cauã relata que por já terem um histórico de desentendimentos devido sua sexualidade, seus pais foram saber da sua transição somente depois de alguns processos. Na experiência de Gabriel, acrescenta:

Muitas pessoas, principalmente familiares, perceberam que precisavam evoluir em certos pontos para que eu continuasse me sentindo amado e bem-vindo na família, e que eu também, precisava relevar muitas coisas para continuar convivendo com minha família. (Gabriel, 26 anos)

Outro relato diz respeito a um certo distanciamento emocional de pessoas próximas como família, amigos e até relacionamentos íntimos. Cauã que diz:

Às vezes, eu me sinto emocionalmente distante dela [namorada], e não somente dela, mas da minha família e dos meus amigos. Me sinto bem mais frio em diferentes aspectos, e não sei se é por conta da hormonização, ou por ficar calejado de levar tanto tapa na cara durante a vida. (Cauã, 25 anos)

Gabriel e Cauã disseram que para seus relacionamentos amorosos, à época em que assumiram sua identidade de gênero, não foi uma novidade se revelarem como homens, suas companheiras já esperavam por isso. Já para os familiares essa revelação provocou respostas diversas e muitas vezes negativas. A questão do afeto e da solidão estão presentes nos relatos dos narradores. Gabriel diz que a maior violência que sente é a falta de afeto, tendo que passar por situações as mais diversas e sozinho, sem ter para onde voltar ou alguém a quem correr. Paulo relatou, por sua vez, que foi necessário ter cabeça fria para se assumir justamente por saber que poderia ter que enfrentar tudo sozinho, poderia não poder contar com a família ou mesmo com a namorada que tinha à época.

Portanto, o período de transição não pode ser restringido apenas às mudanças físicas e comportamentais advindas de uma hormonização ou caracterização “masculina”, ela também está presente em momentos de autoafirmação, reconhecimento social e nas mudanças emocionais que ocorrem individualmente e coletivamente. Muitos ainda passam por situações de transfobia familiar, sendo expulsos de casa ou segregados da família, sem ter um apoio psicológico ou financeiro. O reconhecimento e respeito de suas identidades é necessário para resguardar sua integridade física e emocional, dos ataques sofridos pelas pessoas e instituições que o tempo todo estão reproduzindo a transfobia.

Corpo: exoesqueleto da subjetividade

Uma questão suscitada pelas entrevistas foi: como se constitui a materialização das masculinidades no corpo? Considerando que as “[...] características dos corpos, significadas como marcas pela cultura, distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder” (Louro, 2018: 70), essas marcas, para além de outras, exercem um poder sobre o sujeito para demarcar sua importância, seu valor social e econômico, enfatizando também suas diferenças.

As marcas da diferença, como classe, raça, gênero, sexualidades, idade, dentre outras, presentes nos corpos, demarcam limites de acesso, de possibilidades e de direitos. Corpos que carregam as marcas da cisnormatividade gozam de uma posição social, econômica e política diferente de outros corpos. Refletir sobre a corporificação de práticas sociais, como as masculinidades, é importante para entendermos a influência dos discursos agindo sobre esses corpos através das mídias, da medicina, da cultura, do direito moldando e violentando esses corpos.

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que se subvertem. (Louro, 2018: 17)

Isso se torna claro ao pensar nas cirurgias e procedimentos estéticos realizados para uma “adequação” do corpo, assim como a hormonização, na tentativa de eliminar e inserir características que socialmente correspondem a um determinado gênero. Essa “correção” dos corpos ocorre, muitas vezes, por uma pressão social, que permite que esses indivíduos sejam minimamente incluídos nos espaços quando seus corpos carregam o que é entendido como natural. Os entrevistados trazem essas questões vinculadas ao corpo e sua importância na produção de suas identidades e masculinidades. Além dos processos de corporificação das produções e violências sofridas em decorrência disso.

Ressalta-se que a sociedade categoriza os sujeitos através de seus corpos e os corpos acabam por se tornar uma representação definitiva, fixa, das identidades. Através de classificações são estabelecidos rótulos na tentativa de fixar identidades e, conseqüentemente, segregar grupos. O corpo é, ainda, inserido socialmente no sistema sexo-gênero, o masculino ligado ao pênis e o feminino à vagina, entrelaçados como uma forma de cristalização dos papéis sociais fundamentais para a manutenção do cisheropatriarcado funcionando como um dispositivo da subjetividade.

A partir desse corpo, e das marcas nele inseridas, são atribuídos limites de acesso à educação, saúde, moradia, emprego, relacionamentos e afetos. Na ideologia dicotômica homem-pênis/mulher-vagina, quanto maiores as características que o corpo tiver do gênero ‘não condizente’, menos ele vai importar socialmente, e mais vulnerável ele estará diante das violências, silenciamentos e exclusões. Os corpos passam, assim, por um processo de hierarquização propagados pelos meios de comunicação, pela medicina, economia, entre outras vias de reprodução do discurso de poder. Isso faz com que, diante dos interesses do Estado e do capital, muitos desses corpos sintam a necessidade de se adequarem a esse padrão, buscando aceitação ou proteção diante das suas vulnerabilidades.

Se queremos ampliar as reivindicações sociais e políticas sobre os direitos à proteção e o exercício do direito à sobrevivência e à prosperidade, temos antes que nos apoiar em uma nova ontologia corporal que implique repensar a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho, e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social [...] ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e a uma forma social [...] o corpo está exposto a forças articuladas sociais e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade - incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo - que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis. (Butler, 2018: 15-16)

Pensar esses corpos é entender suas relações sociais, suas fragilidades e opressões, seus direitos e até mesmo outros regimes de poder nos quais se encontram. A modelagem social em que um corpo transmasculino se encontra vai implicar em como essas masculinidades são vivenciadas. Assim como o gênero, a masculinidade, enquanto prática social, se modifica ao longo do tempo, das culturas e dos corpos, segundo Connell (1995: 89) “as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais. Vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante”.

Os padrões impostos sobre todos os corpos vêm se modificando de acordo com os avanços tecnológicos e os movimentos sociais, como o movimento feminista e LGBTI+. A produção dos discursos se modifica, assim como seus meios de circulação, atuando de modo diferenciado sobre os diversos corpos e identidades, recriando novos tipos padrões, mas também, reforçando a influência sobre o controle social. Corpos dissidentes, como os transmasculinos, desobedecem a norma que implica o sexo de nascimento como determinante do gênero, e tornam-se alvos de pedagogias corretivas para invalidar e/ou corrigir tais corpos. E, assim, para que suas masculinidades e identidades possam ser reconhecidas socialmente, para serem corpos que importam (Butler, 2013), acabam, muitas vezes, por se submeterem a processos externalizadores como forma de se “adequarem” ao gênero. Esses processos podem constituir, figurativamente, um tipo de “exoesqueleto” da subjetividade dos homens-trans, isto é, uma carapaça que, ao mesmo tempo, protege-os da discriminação e da violência transfóbica, também os limita e enquadra no binarismo de gênero e seus estereótipos decorrentes.

Em outras palavras, os transmasculinos, ou seja, sujeitos que se identificam totalmente ou majoritariamente como masculinos, são sufocados por discursos estéticos e científicos para que submetam seus corpos a procedimentos de “adequação”, como a hormonização, a mastectomia e outros procedimentos. Quanto mais próximo esse corpo se torna do ideal masculino cisgênero, menor será a

frequência e intensidade das violências que sofre. Lanz (2016) chama a atenção sobre a questão da passabilidade, embora seja um fator que contribua com a visibilidade e proteção das pessoas trans, não é, necessariamente, decisivo no processo de identidade, mesmo porque não é requerida por todas as pessoas trans. Ela declara que:

É o “olhar do outro” – ou seja, o olhar da sociedade – quem atesta o êxito ou o fracasso da pessoa transgênera em passar como membro do gênero oposto. Vem daí a verdadeira obsessão de passar – e de se tornar cada vez mais passável –, mote repetido à exaustão ao longo da vida da maioria das pessoas transgêneras. (Lanz, 2016: 211)

Os participantes dessa pesquisa consideram que a passabilidade lhes resguarda a integridade física e psicológica, evitando situações de constrangimento e violência, além de permitir que se identifiquem enquanto trans caso achem necessário. Como conta Cauã: “Eu me considero hoje uma pessoa passável, e acredito que isso me coloca em situações de conforto, em locais públicos, por exemplo”. A passabilidade, no entanto, não é almejada por todos, ainda que possa conter alguns benefícios muitos renunciam às modificações como forma de resistência à cisnormatividade afrontando, assim, a masculinidade hegemônica cisgênera que tem por princípio o falocentrismo.

Os participantes da pesquisa mencionam, em suas narrativas, que durante um determinado período da hormonização eles se encontraram em uma espécie de androginia, onde as características femininas e masculinas estavam presentes no corpo, causando momentos de confusão nas pessoas ao se direcionarem a eles. Isso lhes causou um desconforto por estarem sendo chamados e tratados pelos nomes e pronomes errados.

Dado um certo momento da transição, eu não sabia se iam me ler como um homem, não sabia se ia entrar em um banheiro feminino e todo mundo ia achar que eu era um homem, ou vice-versa. E em espaços como os banheiros, que são muito comentados pelas pessoas trans, eu acabava me privando de usar, como o da academia que passei um ano sem ir, porque eu não sabia qual banheiro eu deveria usar, na recepção eles tinham meus dados de antes da transição, então eu não sabia se eles sabiam que eu era trans ou não (Gabriel, 26 anos).

Nas narrativas o tema do corpo foi sempre muito presente, principalmente por estar, em algum modo e medida, relacionado aos demais temas abordados. A questão física é colocada como um ponto importante para um bem-estar e afeto, além do reconhecimento social da própria identidade. Todos levantaram a questão de atividades físicas por motivos de saúde, mas principalmente para obter um físico mais próximo do imaginário e diminuição de características entendidas como femininas. Optar por realizar cirurgias, hormonização e outros procedimentos estéticos, não é sinônimo de sucumbir às pedagogias corretivas. Em diversos momentos, nas narrativas, encontramos questionamentos do tipo: “estou fazendo isso por mim ou pelos outros?”, Cauã aborda essa questão quando menciona a hormonização, assim como Gabriel diante da mastectomia.

[...] me planejo fazer uma mastectomia, mas não é algo que me tira o sono. Eu lido muito meu com os meus seios, com meu corpo de forma geral e todos os procedimentos que eu penso em fazer são só mais um passo da minha transição, mais um passo de uma transformação estética, que não necessariamente estão ligados à transição hormonal. (Gabriel, 26 anos)

Um corpo transmasculino é, em si, um corpo transgressor, sua existência é incômoda, e cada qual, diante da sua realidade, cria múltiplas formas de vivenciar a masculinidade. Isso também se aplica a mulheres trans, travestis e outras identidades que fogem à cisnormatividade, não sendo mais ou menos transgressores, apenas tendo efeitos diferentes nos sujeitos e suas dinâmicas sociais.

Há, por vezes, uma tendência de imaginar a existência de um ideal transmasculino hegemônico como se fosse ou houvesse um “transsexual verdadeiro” cerceando esse corpo com pedagogias corretivas para deixá-lo mais próximo do ideal masculino normativo. Assim, a mastectomia, hormonização, o uso de próteses e binders³, podem ser entendidos como uma forma de “adequação”, mas também de libertação e uma tentativa de existir. Nas entrevistas a mastectomia não foi profundamente comentada, apenas mencionada de algum modo. Paulo e Cauã já realizaram a mastectomia e relataram estarem satisfeitos no que diz respeito aos procedimentos, não mostrando interesse em realizar uma histerectomia ou faloplastia. A mastectomia foi um ponto importante no bem-estar relacionado ao corpo. Cauã relata ter tido um problema com sua cirurgia, não ficando completamente satisfeito por ter sobrado um pouco de tecido, causando um aspecto ainda entendido por ele como feminino. Gabriel ainda não realizou a mastectomia, está se planejando para fazer, mas tem uma boa relação com seu corpo, e encara como apenas mais um passo da sua transição estética.

O procedimento mais comentado e, geralmente, o mais procurado é a hormonização, ou seja, a utilização de hormônios e bloqueadores para alterações físicas, e no caso de transmasculinos o hormônio é a testosterona. Para o filósofo transmasculino Paul Preciado, a testosterona, mais do que produzir profundas alterações físicas, possui um caráter de questionamento do lugar ocupado pelos corpos. Diz ele: “Não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim.” (Preciado, 2018: 18). Portanto, a testosterona frustra a sociedade porque o hormônio modifica fisicamente e quimicamente o corpo, alterando ou eliminando muitas das características apontadas como femininas nos padrões sociais de gênero impostos pela cisnormatividade.

Ressalta-se, no entanto, que não é o uso do hormônio que faz um sujeito mais ou menos homem ou sequer é a regra para ser entendido como trans, muitas e diversas são as experiências de pessoas transmasculinas, mas a hormonização pode produzir, para muitos, uma certa armadura – “exoesqueleto” – que os protege de ansiedades, medos e violências. A experiência de Preciado não pode ser entendida como padrão ou representativa para todos, assim como nenhuma outra experiência pode ser colocada nesse lugar. Cada indivíduo tem uma experiência muito singular diante do uso de hormônios ou de produção desse ser masculino.

3 *Binder* é uma faixa de tecido ou elástico usada para comprimir os seios, de forma que fiquem menos proeminentes.

O questionamento “o que é um homem? o que é ser masculino?” nos remete, frequentemente, a padrões corporais (pênis, barba, bigode, cabelo curto, pelos no corpo), comportamentais e de linguagem que são vivenciados socialmente. A incorporação desses elementos, para a maioria dos transmasculinos, é importante e pode causar muita ansiedade. Muitos sofrem o que se costuma chamar de “disforia”, isto é, um desconforto causado pela divergência da sua identidade de gênero e seus atributos físicos e sexuais relacionados ao seu sexo de nascimento.

Nas narrativas percebemos que a relação com o corpo está atrelada a muitos fatores externos e internos, o objetivo, como mencionado por Gabriel, é sempre o mesmo, ter um corpo percebido como masculino. Isso pode envolver a hormonização ou a mastectomia, exercícios físicos, e outras coisas na construção desse corpo. Mas as disforias podem surgir devido ao não reconhecimento do outro, por características físicas atribuídas ao feminino, como vemos na fala de Cauã:

Me senti pressionado em fazer algo em relação a isso, seja iniciar a terapia hormonal ou correr com a questão da mastectomia, seja mudar a documentação, porque tudo facilitaria a mudança no entorno que eu estava inserido”.

Algumas pessoas concebem o discurso de estarem no “corpo errado”, inclusive pessoas trans, ainda que tal ideia seja criticada por muitos transpensadoras(es) e militantes por ser um pensamento cisnormativo, ou seja, mais uma vez essas identidades são postas no lugar de “outro” que necessita de correção. Um corpo errado que precisa passar por pedagogias corretivas na intenção de se aproximar do corpo tido como natural.

Segundo Simone Ávila (2014: 163) “[u]m ‘corpo errado’ pressupõe a existência de um ‘corpo certo’ [...] essa ideia de ‘corpo errado’ que precisa de conserto é uma construção dos discursos biomédicos”. Esse discurso faz com que muitos sintam a necessidade de realizar a hormonização para adquirir as características físicas secundárias, a mastectomia e, até mesmo, a cirurgia de redesignação sexual, ambas ofertadas pelo Sistema Único de Saúde.

Preciado (2018) evidencia a importância de se entender o corpo como um conjunto de construções sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e de opressão nesse regime de disputa pelo poder e controle, criando-se, assim, um discurso que não apenas aprisiona e molda esses corpos, como também cria um cunho comercial sobre eles. A tentativa de tornar esses corpos “saudáveis” abre um mercado cada vez mais lucrativo.

A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidades tangíveis, que se manifestam em substâncias químicas e moléculas comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos pelas multinacionais farmacêuticas. (Preciado, 2018: 37)

Esse mercado cresce também em produtos voltados especialmente para essa população, como as próteses penianas e binders, cada vez mais sofisticados para atender mais de uma função. Os chamados

packers⁴, são próteses penianas com múltiplas funções (urinar, sexo, masturbação e volume), muito conhecido e requisitado dentro da comunidade transmasculina, assim como os binders, que são faixas compressoras dos seios. Ainda existem diversos produtos sendo criados para atender as pedagogias de gênero, como: sêmen artificial, pump (para aumentar o clitóris), cintas e outros.

Esses itens parecem ser utilizados pelos entrevistados, em algum momento da transição, para esconder alguma parte do corpo ou servir de acessório para urinar em locais públicos, se sentirem mais confortáveis em atos sexuais, e principalmente como forma de se sentir mais seguro e dentro de um corpo lido como masculino.

Tenho o packer e é algo que me possibilita um prazer momentâneo, mas que eu só utilizo nas relações sexuais, não utilizo no dia a dia porque eu não me sinto muito confortável. Não utilizo para fazer xixi, mas é algo que eu gostaria muito porque acaba sendo segurança também, para locais públicos, mas demanda treinamento, e por enquanto eu não tenho treinado. (Cauã, 25 anos)

A partir do momento de não sentir tesão no meu próprio peito, de eu não querer tocar nele, ali já estava bem claro que eu não estava confortável com aquilo. Então eu comecei a usar o colete, usei por muito tempo, tentando fazer aquele ciclo de 8 horas usando e depois ficar sem. (Paulo, 23 anos)

Algumas práticas podem provocar problemas de saúde, como pontuado por eles, o Binder tem o limite recomendado de uso de até oito horas seguidas, por comprometer a respiração além de pressionar outros órgãos. Essa recomendação é muitas vezes ignorada, por não se sentirem confortáveis sem ele. Já o packer, embora não seja tão utilizado, pode causar infecção urinária caso não seja higienizado corretamente.

Apesar de não ter sido questionado em nenhum momento, o tema da menstruação apareceu em todas as entrevistas. Eles relataram ser uma das mudanças mais esperadas com a hormonização. Cauã comenta que a menstruação é algo que ainda o remete ao feminino: “[...] me lembrava o tempo todo que eu era uma mulher, como eu posso ser um homem sendo que eu menstruo?!”. Assim, diz ele: “[...] essa parte de cessar a menstruação foi algo que me animou muito”. Para Gabriel parar de menstruar foi uma das coisas mais importantes no processo de transição “[...] hoje já está muito distante, porque faz muito tempo que eu parei de ter menstruação. Então acabo não tendo uma recordação muito viva de como era a sensação da menstruação em si, mas eu lembro que eu não via a hora de acabar!”.

A não incorporação dos procedimentos de correção dos corpos cria uma resistência social e política diante da incongruência com o regime sexo-político. Preciado (2018) apresenta essa discussão em suas obras acerca da relação do corpo com as tecnologias de gênero, o biopoder, a indústria farmacológica e a pornografia, ou como ele utiliza, o regime farmacopornográfico. Durante o século XX, a “invenção” da noção bioquímica do hormônio e o desenvolvimento farmacêutico modificaram radicalmente as noções arraigadas de identidades sexuais tradicionais e patológicas (Preciado, 2018). Os hormônios sintéticos, assim como o silicone e as cirurgias, se tornam parte da linguagem social de

4 Prótese peniana de látex, mais utilizada para urinar em pé e ter relações sexuais.

legitimação, decodificadores da masculinidade e feminilidade. A necessidade da hormonização para muitos homens trans acontece pelas mudanças físicas, a busca pela proximidade do ideal masculino, como forma de se sentir pertencente a esse grupo e ser reconhecido.

Nas entrevistas os participantes contam que iniciaram a hormonização para obter mudanças físicas, por terem certos desconfortos com algumas características físicas. Como conta Gabriel: “Então eu comecei a hormonização, porque queria mudança física, não estava contente com várias partes do meu corpo”. Também pelo reconhecimento enquanto homem causando menos constrangimento em público ou mesmo dentro de casa. Nas falas de Paulo também encontramos a busca pelo reconhecimento através da hormonização:

Então depois que eu comecei a me hormonizar comecei a me enxergar como pessoa, me enxergar mesmo, antes era sempre um desconforto com a confusão de ela/ele, e as pessoas nunca sabem como que vai te tratar. Não gostava de ficar no meio dessa ponte de ela/ele, preferia ser chamado pelo pronome ele, mas sempre busquei me sentir confortável apesar das dificuldades, e por isso que comecei a hormonização. (Paulo, 23 anos)

A hormonização não acarreta apenas mudanças físicas, também existem alterações emocionais que tendem a ser muito mais fortes nos primeiros anos até que a quantidade de hormônio crie uma estabilidade, em casos de uso contínuo. Os entrevistados relatam uma maior frieza sentimental em relação ao que sentiam anteriormente, ou seja, passaram a ter mais dificuldade em expressar seus sentimentos, principalmente de tristeza e choro.

Quando comecei a testosterona e comecei a ficar muito frio, passei seis meses sem derrubar uma lágrima, não conseguia chorar por nada. Quando eu ficava incomodado com alguma situação não ficava mais triste, ficava muito raivoso, e no princípio foi muito assustador, porque pensei que estava virando uma pedra, que não tinha sentimentos mais. (Gabriel, 26 anos)

Nos momentos de instabilidade ou irritação eles relatam que acabavam sendo estúpidos, rudes com as pessoas, fazendo com que se afastassem ou ficassem mais introspectivos. Isso faz com que alguns questionamentos surjam durante o processo, um dos relatados por Cauã foi se estava fazendo a hormonização por si ou pelos outros. Além de tentar entender até que ponto a insensibilidade é uma consequência química e o quanto é devido ao estereótipo de que homem é assim, como ele diz: “Algo que eu ainda estou tentando descobrir é se esse processo de me tornar menos afetuoso se dá pelo hormônio ou também pelo estereótipo de homem ser assim, porque de fato”. Compreender mais profundamente os efeitos dos hormônios e suas relações com as construções sociais e discursivas envolvidas nessa dinâmica são questões complexas que ultrapassam o escopo deste artigo.

Considerações finais

A “nova aquarela” de masculinidades, tal como proposta por Almeida (2019), tem trazido reinvenções da noção de ser transmasculino. Começam a surgir novas identidades que fogem a essas alterações corporais, contradizendo a ideia de estar em um corpo errado. Expressões como *boyceta*, fazendo alusão a homens de buceta, tem se popularizado, trazendo novas discussões acerca das masculinidades.

A transexualidade masculina, na última década, atuou como uma estufa de possibilidades no cenário brasileiro. Naquele cenário foi possível ver emergir sujeitos que reivindicam masculinidade sem desejar ser reconhecidos como homens. Foi possível também ver homens trans não binários, homens trans orgulhosamente portadores de uma vulva refutando o paradigma psiquiátrico da aversão à própria genitália, homens trans grávidos sem abrirem mão da afirmação da paternagem, homens trans aderindo à contemporânea formulação de uma paternidade próxima, afetiva e cuidadora, homens trans feministas, homens trans que se afirmam gays ou bissexuais, homens trans trabalhadores sexuais, homens trans se relacionando afetiva e/ou sexualmente com mulheres trans e travestis, assim como homens trans heteronormativos. (Almeida, 2019: 52)

Essa construção e desconstrução do ideal masculino é sempre uma constante e esteve presente das narrativas analisadas. Por outro lado, o ideal masculino é ainda muito influenciado pela cisnorma, o que exige que se ressalte a importância de valorizar a diversidade das masculinidades e sua contínua modificação durante a vida. Um dos participantes da pesquisa cita o exemplo do Mister Trans Brasil 2021, no qual a escolha do “homem trans mais bonito do Brasil” foi cercada por candidatos brancos, magros, hormonizados e com mastectomia feita. Esta fala explicita um padrão de corpo e beleza concentrado nos mesmos parâmetros cisnormativos. Práticas como estas são as que valorizam um determinado corpo criando a noção de uma transmasculinidade ideal.

Por essa razão, a valorização da passabilidade se torna uma ferramenta de invisibilização de outras formas de homens-trans serem e expressarem sua masculinidade, bem como sua identidade, como evidenciado na fala de Cauã: “(...) a masculinidade é entender de fato que somos seres individuais, e que cada um tem uma masculinidade diferente. A minha masculinidade é diferente da sua, que é diferente de outros rapazes, e que todos somos homens mesmo assim”. Partindo dessa posição, parece que contato com outras pessoas é fundamental para os participantes da pesquisa, ou seja, conhecer as histórias e reconhecer nelas o que se gostaria ou não de ser ou adquirir, e reconhecer também as coisas que lhe fazem sentido, faz parte da construção das transmasculinidades.

Apesar de muitos desejarem terem “nascido cisgênero” – desejo que é mais um efeito do discurso cisnormativo –, cada vez mais surgem outros discursos que potencializam os corpos e identidades da forma que são. Por conseguinte, nas narrativas aparecem, em determinados momentos, uma rejeição ao desejo de ter “nascido cisgênero”, demarcando, assim, uma especificidade de suas vivências e percepções do ponto de vista de homens transgêneros, o que fica evidente na frase de Cauã: “Acredito que se eu fosse [cis] não teria as perspectivas que tenho hoje, pois minhas vivências me possibilitam ser quem sou hoje”.

Conclui-se, portanto, que a diversidade presente nas transmasculinidades contribuem para pensar a forma como entendemos a masculinidade e a vivenciamos, além das inúmeras possibilidades de ser homem sem, necessariamente, a obrigatoriedade de carregar os padrões de gênero estabelecidos pela heterocisnorma.

Thomas Victor Barreto Cardoso é doutorando em Antropologia pela Universidade de Campinas (Unicamp) e Mestre em Estudos da Condição Humana pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Kelen Christina Leite é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

FINANCIAMENTO

Thomas Cardoso teve Bolsa de Mestrado CAPES.

AGRADECIMENTOS

Ao Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidade/UFSCar (NEGDS/UFSCar) pelas discussões no decorrer da pesquisa; aos pareceristas anônimos, pelas sugestões que colaboraram para o aperfeiçoamento do artigo.

REFERÊNCIAS

Alberti, V. (2013). *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Almeida, G. (2012). Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Revista Estudos Feministas*, 20(2), 513-523. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>

Almeida, G. (2019). Revisitando a aquarela das masculinidades. *Revista Cult*, 242(1), 32–35. <https://revistacult.uol.com.br/home/revisitando-aquarela-das-masculinidades/>

- Almeida, G. S. de., & Carvalho, R. A. dos R. G. (2019). Emergência pública de transmasculinidades na cena brasileira em princípios dos anos 2000. In *Anais do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais* (p.1-13). Brasília.
- Ávila, S., & Grossi, M. P. (2010). Nós queremos somar!: a emergência de transhomens no movimento trans brasileiro. In *Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Hemocultura* (p. 1-12). Rio Grande.
- Ávila, S., & Grossi, M. P. (2013). O “y” em questão: as transmasculinidades brasileiras. *Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero X*. Florianópolis.
- Ávila, S. (2014). *Transmasculinidades: A emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bento, B. (2014). Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. *Contemporânea*, 4(1), 165-182. <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197>
- Bento, B. (2015). *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal: EDUFRN.
- Bento, B. (2017). *A reinvenção do corpo - sexualidade e gênero na experiência transexual*. Salvador: Editora Devires.
- Bourdieu, P. (2019). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Braz, C., & Souza, É. R de. (2018). Transmasculinidades, transformações corporais e saúde: algumas reflexões antropológicas. In M. Caetano, & P. Jr. Silva (eds). *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina. p.28-42
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter. On the Discursive Limits of “Sex”*. New York: Routledge.
- Butler, J. (2018). *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caetano, M., & Silva Jr. P. (2018). *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Connell, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20 (2), 185-206. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>
- Connell, R. W. (1987). *Gender and power: society, the person, and sexual politics*. California: Stanford

University Press.

Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

Connell, R. W. (2016). *Gênero em termos reais*. São Paulo: Mversos.

Costa, M. da C. M. (2020). “Homens de verdade”: (des)construção de masculinidades de homens trans (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.

Grossi, M. (2004). Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, 75(1), 4-37. <https://apm.ufsc.br/titulos-publicados/2004-2/>

Hollanda, H.B (org). (2019). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. São Paulo: Bazar do Tempo.

Hooks, B. (2019). *Eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. São Paulo: Bazar do Tempo.

Jesus, J. G. & Alves, H. (2012). Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Revista Cronos*, 11(2). <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>

Lanz, L. (2016). Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. *Revista Periódicus*, 1(5), 205–220. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17188>

Lopes, S. (2005). *Biologia*. São Paulo: Saraiva.

Louro, G. L. (2018). *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Mariano, A. F. de C. (2020). A memória é a matéria essencial das entrevistas: Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. *Lumina*, 14(3), 213–226. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2020.v14.28251>

Medrado, B., & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 6(3), 809-840. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>

Mosse, G. (1999). *The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity*. Oxford: Oxford University Press.

Nery, J. W., & Gasponi, I. B. (2015). Transgeneridade na escola: estratégias de enfrentamento. In R. M. Souza. *Coletânea Diversas Diversidades*. (pp.61-80) Niterói: Universidade Federal Fluminense.

Nery, J. W., & Maranhão Filho, E. M. de A. (2017). Deslocamentos subjetivos das transmasculini-

dades brasileiras contemporâneas. *Revista Periódicus*, 1(7), 280–299. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.22279>.

Nery, J. W. (2018) Transmasculinidades: invisibilidade e luta. In J.N. Green, & R. Quinalha, & M. Caetano, & M. Fernandes. (eds). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda.

Oliveira, A. L. G. (2015). *Somos quem podemos ser: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des) patologização da transexualidade* (Dissertação Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In H. B. de Almeida, & J. Szw-ako (eds.). *Diferenças, igualdades*. (pp.118-146). São Paulo: Berlendis & Vertecchia.

Portelli, A. (2010). História Oral e Poder. *Mnemosine*, 6(2), 2-13. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41498>

Preciado, P. B. (2018). *Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 edições.

Rego, F. C. V. S. (2015). *Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans* (Dissertação de Mestrado). Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Rubin, G. (2017). *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora.

Santana, B.S. (2018). Pensando as Transmasculinidades Negras. In H. Restier, & R. M. Souza (eds.). *Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades*. São Paulo: Ciclo Continuo.

Scott, J. (2019). Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In H.B. Hollanda (ed). *Pensamento feminista - conceitos fundamentais*. (pp.49-82). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Soares, M. da C. M. (2020). *Homens de Verdade: (Des)Construção de Masculinidades de Homens Trans*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto, Porto, Portugal.

Vergueiro, V. (2016). Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In S. Messeder, & M.G. Castro, & L. Moutinho (eds.). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. (pp. 249-270). Salvador: EDUFBA.

Vieira, C., & Porto, R. M. (2019). Fazer emergir o masculino: noções de “terapia” e patologização na hormonização de homens trans. *Cadernos Pagu*, (55), 1-32. <https://doi.org/10.1590/180944449201900550016>

GÊNERO, MASCULINIDADE E CORPO: NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE HOMENS TRANS

Resumo: O objetivo deste artigo é debater a construção da masculinidade para indivíduos que se identificam como transmasculinos através de narrativas e memórias de três homens trans. Para tanto foram discutidas questões como: hormonização; identidade; relações de afeto; situações de violência, dentre outras. A pesquisa realizada fez uso, metodologicamente, da história-oral como maneira de colocar em foco as memórias e vivências desses indivíduos. Constatou-se, pelos relatos, que a diversidade presente na construção das transmasculinidades possui potencialidade de contribuir para se pensar a forma como se entende e se vivencia a masculinidade apontando para a possibilidade de ser homem sem ter a necessidade de carregar os padrões de gênero estabelecidos pela heterocisnorma.

Palavras-chave: Transmasculinidades; Masculinidades; Gênero; Corpo; História Oral.

GENDER, MASCULINITY AND BODY: NARRATIVES AND MEMORIES OF TRANS MEN

Abstract: The purpose of this article is to discuss the construction of masculinity for individuals who identify as transmasculine through narratives and memories of three trans men. For that, issues such as: hormoneization; identity; affection relationships; situations of violence, among others. The research carried out methodologically made use of oral history as a way of focusing on the memories and experiences of these individuals. It was found, from the reports, that the diversity present in the construction of transmasculinities has the potential to contribute to thinking about the way masculinity is understood and experienced, pointing to the possibility of being a man without having to carry the established gender standards. by the heterocysnorm.

Keywords: Trans masculinities; Masculinities; Gender; Body; Oral history.

GÉNERO, MASCULINIDAD Y CUERPO: NARRATIVAS Y MEMORIAS DE HOMBRES TRANS

Resumen: El propósito de este artículo es discutir la construcción de la masculinidad de individuos que se identifican como transmasculinos a través de narrativas y memorias de tres hombres trans. Para él, cuestiones como: hormonalización; identidad; relaciones afectivas; situaciones de violencia, entre otros. La investigación realizada incluye el uso de la historia oral y su perspectiva metodológica como forma de focalizar las memorias y vivencias de estos sujetos. De los relatos surge que la diversidad presente en las transmasculinidades puede contribuir a pensar la forma en que entendemos y experimentamos la masculinidad, apuntando la posibilidad de ser hombre sin tener que portar los estándares de género establecidos por la heterocisnorma.

Palabras Clave: Transmasculinidades; Masculinidades; Género; Cuerpo; Historia oral.

RECEBIDO: 30/09/2022

APROVADO: 13/07/2023

PUBLICADO: 01/10/2024



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC